

O vento que abre o Verão às margens do Lima bate-lhe no rosto e faz voar os seus caracóis cor de fogo. Josefina, de olhos bem fechados e alma aberta, ouve o rio que corre lento ao seu lado e recebe o vento de braços abertos. É um vento amigo, este. Transporta o aroma da erva fresca, acabada de cortar pelas vacas do Zeca. Transporta o aroma doce das margaridas que pincelam de amarelo o chão e faz esvoaçar os dentes-de-leão, que, impotentes, se desmancham perante a valsa da brisa estival.

Josefina, de olhos bem fechados, pensava na Barca quando acordou naquele dia.

Não precisou de olhar para o relógio para saber as horas. Nem sequer de abrir os olhos.

Josefina acordava todos os dias pouco antes das seis, sem grande esforço e auxílio de despertadores. Na verdade, não suportava qualquer ruído enquanto dormia e, por isso, há anos que tinha o hábito de deixar o seu relógio na gaveta do camiseiro que ficava do lado oposto ao que se deitava na cama.

Sentou-se e, em gesto contínuo e sem enganos, enfiou de uma assentada os chinelos. E de mansinho se levantou, para não o acordar antes da hora, seguindo em direção à cozinha.

Não precisava de acender as luzes, pois conhecia os cantos todos a casa. Mesmo quando se levantava a meio da noite, ainda meio tonta – o que, frequentemente, acontecia quando os filhos eram crianças - tateava aqueles corredores da mesma forma que um cego usa as mãos para encontrar, na escuridão de uma vida, o caminho que tem de fazer. Este hábito foi sendo alvo de gozo do marido, ao longo dos anos, mas Josefina ignorava-o. Que sabia ele da tentativa de voltar a adormecer um filho depois de um pesadelo, ou de uma chamada para ir à casa de banho? Assim, pensava Josefina, era como se o ritual do sono e a paz que a escuridão trazia não fossem, de maneira alguma, interrompidos e os meninos - e ela - voltassem a deitar a cabeça na almofada antes que o irromper do dia os viesse arrancar do vale dos lençóis.

Por aquela hora, a máquina do café tinha já perfumado aqueles mesmos corredores e aquele era, para ela, o ponto alto do seu dia. O momento em que, já com a caneca de café fumegante na mão, vinha para o pátio da casa respirar o ar frio da manhã ao mesmo tempo que gozava o silêncio próprio daquelas horas e esperava pela entrega do jornal da manhã, o que, por norma, acontecia por volta das seis.

Nesse seu momento, era frequente lembrar-se de quando, em criança, na casa dos avós, era a primeira a levantar-se e vinha ao pátio buscar o leite. Era uma chaleira grande e já gasta, com um pires a tapá-lo. Lá dentro e, apesar do nevoeiro gélido da manhã, o leite branco e gordo ainda conservava o calor do corpo quente do animal de quem saíra. Quando acordava bem cedo, ainda o dia não havia despontado, Josefina via chegar a Zira do Serôdio, nascida em Oleiros, leiteira de profissão. Uma senhora de idade, invariavelmente vestida de preto, que carregava ora em seus ombros ora sob a cabeça, o seu balde de aço e se encarregava de distribuir o néctar produzido naquele vale d'óiro, onde as vacas pastavam vagarosamente em verdejantes campos, junto ao rio. Juntamente com um pedaço de pão de milho que a avó Albertina amassava e cozia, aquele leite era sempre o presságio de um bom dia. Desde que foi para a América, Josefina nunca mais bebeu leite, porque não há, em nenhuma parte do mundo, leite igual ao daquela chaleira que a Zira enchia.

Josefina percorria, num fugaz instante, as notícias que faziam daquele dia apenas mais um, igual aos outros, para dedicar depois a sua atenção às palavras cruzadas. Esse gosto, ficou a devê-lo à primeira pessoa que conheceu quando foi para a América - a Chica, uma alentejana rija com quem trabalhou nas limpezas numa escola perto de casa.

Chica tinha ido para a América em cinquenta e oito, com o marido e um filho recém-nascido no braço, mas o sonho de uma vida melhor foi interrompido quando os dois morreram três meses depois. O infortúnio tinha tornado Chica a mais rija das mulheres, o pilar que resiste e não esmorece, e Josefina seguiu sempre os seus conselhos. Chica dizia que mulher nenhuma precisava de um homem para sobreviver, por isso, para poder fazer pela vida naquela maldita terra de ianques, como ela costumava dizer, a primeira coisa a fazer-se era aprender a língua deles. Para não te enganarem, disse-lhe ela.

Desde o dia em que ouviu Chica dizer isso pela primeira vez, largos meses depois de terem chegado, Josefina prometeu a si própria que dentro de um ano iria saber falar inglês. E assim foi. Uma ocasião em que, a caminho de casa, passava por um centro de apoio a emigrantes viu uma tabuleta que dizia "Quiéres hablar inglés?" e o pouco espanhol que sabia bastou-lhe para perceber que estava ali a solução para o seu problema. Pela vidraça, conseguiu ver talvez uma dúzia de pessoas, todas sentadas em secretárias da escola, viradas para um quadro verde na parede que

tinham em frente, ouvindo atentamente uma senhora em pé. Naquele dia, seguiu caminho, mas, no seguinte, Josefina regressou e, dessa vez, entrou. À saída levava uma ficha de inscrição e a esperança de uma vida melhor estampada no rosto.

A realidade mostrava-se bem diferente do destino que lhes tinha sido prometido lá na terra. A vida na América era dura e os trabalhos que o Jorge arranjava até àquele momento permitiam que tivessem apenas o suficiente para pagar a renda do pardieiro em que viviam e as refeições que rapavam do fundo do prato.

Nesse início dos inícios, o Jorge não queria que ela trabalhasse. Ainda envolto no provincianismo próprio do Portugal salazarista, Jorge via a sua esposa como provedora dos valores da família, da recatada pacatez que a condição feminina deve. Como fiel e fecundo repositório dos fluidos que lhe dariam, em bom tempo, um filho homem, forte e capaz.

Oito vertical: *Male horse*, com oito casas. Esta era fácil. *Stallion*, que palavra tão bonita. Muito mais bonita que o seu equivalente em português. As palavras cruzadas do *The Guardian* eram, neste tempo que corria, o seu desafio diário, mas o seu alvo era conseguir fazer as do *Times*, sem ajuda ou batota. Josefina nunca encontrou sentido na batota quando os intervenientes de um jogo começam e terminam dentro de nós mesmos. Isso fazia com que, por vezes, andasse dias numa luta interna a tentar encontrar a solução para aquela 3 horizontal que não lhe saía da cabeça.

O ritual matutino terminava quando o despertador do Jorge ditava as seis e meia. Tempos houve em que o automatismo ditador tocava muito mais cedo pois as suas jornadas de trabalho eram, de facto, mais noite do que dia, mas de há uns vinte anos para cá, tinha conseguido abrir uma pequena empresa e dava-se ao luxo de poder pegar às sete e meia.

Josefina levanta-se e, já na cozinha, prepara o conteúdo de uma marmita que o Jorge engoliria, sem perdão nem recurso às regras da etiqueta, à hora de almoço, juntamente com os empregados. Juntos, debaixo de sol ou chuva, sentavam-se onde calhasse e tinham naqueles breves trinta minutos aquilo que muitos têm ao final do dia ou da semana – um encontro de amigos, com galhofas o quanto baste e um ou outro piropo a uma miúda jeitosa que passa.

Jorge entra na cozinha. Já com um braço enfiado no casaco, pega numa torrada barrada com Planta e enfia-a na boca para pegar no copo do café que beberá de uma

assentada na truck. Atira um *Até logo*, que de imediato é correspondido por Josefina e assim começa mais um dia na casa dos Sousa.

Há cinco anos atrás, Josefina deixara de trabalhar. Não se sentia ainda velha mas a verdade é que já lhe sobrava pouca resistência para continuar a fazer face aos argumentos do Jorge de que não havia necessidade para que ainda trabalhasse e se sujeitasse aos horários e às canseiras do corpo que as limpezas lhe causavam. O facto da Chica se ter reformado também ajudou a que tomasse a decisão e, quando o fez, Josefina sentiu que, afinal, talvez fosse bom ficar um pouco em casa e ter tempo para si, para variar. Tinha, nessa altura, 56 anos, dois filhos criados e já fora de casa.

Luísa, a mais velha, era consultora jurídica de uma grande empresa do ramo imobiliário e devia o nome de Mrs Wilson a um moço americano que tinha conhecido em Los Angeles, quando lá foi a um encontro qualquer de advogados emproados de nó na gravata. Tinha-se tornado numa bonita mulher, mas Josefina pensara sempre que essa beleza era ofuscada pela excessiva rectidão e conservadorismo com que Luísa pautava, não só a sua aparência, mas, essencialmente, toda a sua vida. Implacável na profissão, carro de alta cilindrada, apartamento estilo clean (way too clean), amigos da classe certa, jantares em restaurantes em voga, férias na neve em Aspen, fins-de-semana em iates sabe-se lá onde, roupas e sapatos com assinatura de estilista que a lavandaria vai buscar a casa. Nunca o havia dito a Luísa, mas tudo isto parecia irrisório a Josefina porque sentia que não havia naquela vida para a espontaneidade, para a verdade que só se encontra mais simples e puras. E só a vivência destas nos prepara para a complexidade dos afectos, das frustrações, das conquistas, das relações e das agruras da vida. Mas, principalmente, porque não havia ali espaço para a felicidade e a maior frustração que Josefina poderia ter era a de que, naquela busca por perfeição, por (aparente) segurança, conforto, Luísa se esquecesse de fazer por ser feliz. Para garantir isso, já bastava Josefina, que aprendera a olhar para a vida como uma sucessão interminável de teres-que-fazer, de contrariedades, de abnegações perante seres que insistiam em autonomizar-se dela.

Josefina ponderava muitas vezes, nos últimos anos, se os esforços para dar sempre o melhor aos filhos não teriam tido o resultado oposto ao que gostaria e se, em vez de adultos conscientes das dificuldades da vida, do valor do trabalho e da

família tivesse criado adultos para quem o pináculo das dificuldades era a inesperada e inaceitável ausência de wireless. Adultos que nunca estariam em paz com eles próprios, onde quer que estivessem, porque há sempre um melhor no horizonte à espera de ser alcançado. Melhor telefone, que já deixou de o ser para ser telemóvel, que o deixou de ser para ser smartphone. Melhor carro. Melhor sofá. Melhor pôr do sol em melhor companhia com o melhor Marido, a beber o melhor vinho, nos melhores copos do melhor hotel.

Alfredo, o seu mais novo, tinha ido viver sozinho há pouco mais de um ano e todos os dias Josefina se questionava como conseguia, aquela criatura, sobreviver. Era reservado, de poucas falas, a fazer lembrar os gatos. Independente. Mas distraído, muito distraído. Tanto que, por vezes, Josefina pensava que parecia que vivia duas vidas paralelas e que quando tinha de prestar atenção a uma se alheava dos aspectos mais práticos da outra. Esta sua teoria ganhou força depois de ter lido um livro que uma vez trouxe da biblioteca - One, do Richard Bach, um escritor americano muito em voga nos anos oitenta, que falava de universos paralelos. Talvez Alfredo vivesse duas ou mais vidas e esta fosse, apenas, uma delas. Tudo era relativo para o Alfredinho e nada tinha muita importância.

Talvez por isso, lhe ligava todos os dias, diversas vezes por dia. Esta não era, definitivamente, uma relação saudável entre mãe e filho. Josefina sabia-o e confirmava-o de cada vez que, ao pegar no telefone, se sentia culpada por não lhe dar o espaço suficiente para se afirmar, crescer e acordar para este mundo cruel. É que há tantos perigos neste mundo e somados à abstração e passividade natural de Alfredo não lhe restava outra opção senão a de zelar pelos cuidados ao seu menino-homem. O espaço que sentia ser demasiado na relação que tinha com Luísa era compensado com a ausência dele na distância que separava a sua vida da de Alfredo.

Que bom seria aprender com os bichos e largar os filhos à sua sorte, conscientes de que lhes havíamos provido as ferramentas e os saberes para governarem o Mundo inteiro. Ou, pelo menos, o seu mundo.

Josefina começou a atentar a esta ordem natural das coisas quando, certa vez, Chica, que ouvia os seus lamentos - sempre mais do mesmo, o Fredinho isto e o Fredinho aquilo - lhe disse com a franqueza e frontalidade que lhe eram características: Ó Fina, mas tu não achas que está na hora de fazer o desmame? Ele

não pode ser o teu bebé para sempre! Cá pra mim, está na altura de te lembrares de ti, que se não fores tu não o faz ninguém! Raça da mulher! Deixa-te lá disso!

A verdade é que, depois da saída de casa do Alfredo - que permanecia alheado dos raciocínios engendrados pela mãe com o propósito de refutar aquela decisão irreflectida, Josefina se viu, para seu grande espanto, a braços com uma mulher de meia-idade, com rugas na cara e sonhos por cumprir.

Nos primeiros anos, como não era mulher de ficar quieta, Josefina fixou a si mesma objectivos claros e empreendeu grandes arrumações em casa, começando pela garagem e acabando no quarto das crianças, que já não o eram.

Mas desde o dia em que deixou as limpezas, Josefina acalentava o sonho de voltar para o Minho e abraçá-lo até morrer. Já o havia dito em diversas ocasiões ao Jorge, que teimava ainda não ser a altura ideal. Ou porque não era a melhor altura para vender a empresa, ou porque não podiam deixar os meninos, ou porque havia crise em Portugal.

Jorge já não era português e Josefina duvidava se alguma vez o tinha sido. Para ela, que havia sentido como se lhe arrancassem um pedaço da própria carne quando pisou pela última vez aquele solo sagrado, era completamente alheia a forma fria como Jorge lidava com o passado, como se aquele nunca tivesse existido, como se não deixasse marcas no corpo, na alma, nos gestos, nos pensamentos. E por isso mesmo nunca tinham regressado à terra. Nem mesmo de férias. Uma tábua rasa, uma folha de papel em branco, era assim o Jorge da Josefina. Josefina compreendia-o, em parte, porque sabia os passos tortuosos que tinha dado até sair de Portugal. Uma vida de faltas. Falta de sustento, de carinho e de paz. Talvez por isso ela lhe tenha perdoado aquele primeiro de muitos estalos, há incontáveis anos atrás.

Mas por todas as vezes que Jorge esquecia Portugal, o Minho, a Barca, a gente, a Senhora do Livramento, Santo António de Mixões da Serra, a páscoa na terra, os montes, os regatos, as brandas, a água fresca, o cheiro da terra, o sol quente no corpo, o vagar das horas, a vida a escorrer lenta pelas mãos livres, Josefina vivia tudo isso dentro dela, durante o dia. Todos os dias. Interrogando-se de como seria se tivesse ficado. Se não tivesse cumprido quarenta e um anos de saudade.

Desde que se deixou ficar por casa, sem rotinas, horários e obrigações estes pensamentos assolavam-na com uma frequência ainda maior, como um apelo, uma força que se mostrava portentosa demais para ser controlada. Um chamamento.

À noite, quando se deitava, era o avô que lhe afagava o cabelo já com brancas. Era o avô que lhe dizia boa noite, minha caracoleta. Boa noite, vô. E era a voz do avô, a meio da noite, caracoleta, queres vir ver o mundo? E era o avô a ensinar-lhe a ler o sol para saber as horas, a ler as maríolas deixadas pelos pastores, a ler o que dizia o olhar de um corso e o gorjeio de uma carriça celebrando a luz que brotava da noite gélida. Era o avô e aquele mundo a todas as horas.

No dia em que Josefina cumpriu 60 anos, o Jorge insistiu que deviam fazer uma festa no fim-de-semana que se seguia e convidou meio mundo. O meio mundo de Jorge, claro. E foi também nesse dia que Josefina, a caminho da lavandaria onde tinha deixado a toalha boa de mesa a lavar a seco, passou em frente a uma loja de tatuagens e, como se fosse a resposta natural a um clamar, Maria Josefina, com sessenta anos cumpridos, entrou para materializar, em si mesma, a saudade que morava no seu coração.

Nos dias seguintes, Josefina sentia-se com uma força inabalável, como se a tinta que penetrou os seus poros tivesse impregnado o seu corpo de adrenalina e decidiu aproveitar a sugestão de Jorge para rir, algo que já não fazia há muito. Josefina pensava no que diriam os miúdos quando a vissem.

No dia da festa, a casa estava ruidosa e o pátio traseiro, onde estalava um barbecue espantado por ser usado, ia ficando repleto de amigos que iam chegando. Eram portugueses, todos e, na sua maioria, casais com a mesma idade dos Sousa. Rostos alegres que disfarçavam bem a dureza dos tempos idos e de uma vida dedicada ao trabalho. Os mais jovens eram os seus meninos. Josefina olhava Luísa da janela da cozinha e lembrava-se do primeiro dia de aulas, em que chegou a casa, de joelho rasgado e com a promessa de nunca mais voltar. E dali conseguia ver o Alfredinho, à volta do barbecue, que por essa hora já era certo que esturricasse. Daquela perspetiva, Josefina viu por instantes o moço alto, loiro e forte com quem casou há quarenta e um anos, numa fria manhã de Dezembro, sob a pedra da igreja da Ermida. Pertinho do céu, bem acima do nevoeiro denso que cobria todo aquele vale. E de repente, era imenso o orgulho que tinha na sua história e nos seus filhos. Sangue do seu e do sangue do Jorge. Resultado inequívoco de duas vidas.

Depois de comida a comida e bebida a bebida, era já avançada a noite, o Nelo lembrou aos presentes que era chegada a hora de cantar os parabéns e foram chamar Josefina que lavava os últimos pratos da refeição. Estava toda a gente em

redor da mesa, a começar a cantar, quando Josefina perguntou ao Nelo pelo Jorge, *Foi buscar a champanhe, já aí vem*. Naquele momento, ao ver todos em redor da mesa, Josefina, esqueceu, por momentos, todos os sonhos não cumpridos e focou-se nos sorrisos e cores daquela noite. E foi nesse preciso momento que, ao olhar para a porta da cozinha que dava para o pátio, em busca de Jorge, Josefina viu um largar lento de duas mãos. As dele, que conhecia tão bem, e as da estonteante Cila. O sorriso comprometido de ambos. Uma garrafa de champanhe na mão.

E o resto dos parabéns foram ouvidos por Josefina em slow motion, num desespero que nunca havia sentido. O baque de toda uma vida em retrospectiva, que, pensou depois, só se assemelharia àquelas experiências de quase-morte de que falam na tv. Josefina nada disse e tudo calou naquela noite de verão, como provedora dos valores da família e da recatada pacatez que a condição feminina deve.

Naquela noite, antes de deitar, Josefina olhou para o espelho à procura do fogo que antes morava nos seus caracóis, mas nada viu senão um rosto perdido e vazio. Lavou as mãos, lentamente, deixando a água tépida correr debaixo dos arcos da ponte da Barca que desenhara para a eternidade no músculo oponente do seu polegar direito. Os lindos arcos, de volta perfeita, em que ninguém reparou.

Quando se deitou, já Jorge dormia e punha em branco a tela da sua vida. A tela em branco que era Jorge.

Josefina deitou a cabeça na almofada e de olhos abertos lembrou-se do dia em que, enquanto dançavam a cana verde num bailarico da Nossa Senhora da Bonança, em Âncora, aquele moço estouvado da Ermida lhe propôs casamento e lhe contou os planos que tinha para emigrar para a América no final desse ano. Na viagem de regresso à Barca, Josefina contou ao avô e, juntos, troçaram das intenções do moço do baile enquanto a avó Albertina atenuava o sucedido e ia dizendo que não via problema na união, já que ia sendo hora de Josefina parar de brincar às caçadas com o avô, tirar o nariz dos livros e atentar para a vida de uma mulher digna. Perante estes argumentos, Josefina e o avô Carlos riam às gargalhadas, imaginando a ninhada de filhos que resultaria daquela união, de cabelo russo, a correrem nas brandas da Ermida, quais meninos Von Trapp.

Aquele Setembro chegou ao fim e deu lugar a um inverno rigoroso ao qual o avô Carlos não resistiu e, numa noite de Dezembro, morreu com os dedos entrelaçados

nos caracóis de Josefina. Toda a alegria de Josefina ficou cravada no chão granítico, juntamente com o corpo ainda quente do avô, quando foi a enterrar debaixo da chuva mais fria que alguma vez caiu naquele vale. Nesse mesmo dia, a sua alma arrefeceu e Josefina tomou a decisão de que não ia ouvir os sermões e terços rezados da avó até ao fim dos seus dias. No final do funeral, no meio dos magotes de gente, Josefina viu a cabeleira russa do moço do baile e numa corrida em desespero chegou-se a ele e perguntou se sempre ia para a América, dizendo ainda que estaria disponível se ainda a pretendesse para ser sua mulher. E os dentes imaculados do moço da Ermida, que surgiram num rasgado sorriso, contrastaram com o sombrio peso da cruz que Josefina colocava nas suas próprias costas. Dez dias depois, Josefina atravessou o Atlântico e nunca mais voltou, deixando para trás tudo que havia conhecido até aquele momento.

Josefina virou a cabeça na almofada e ouviu a sua avó dizer-lhe que casamento e mortalha, no céu se talha. Que sorte a minha, pensou Josefina, adormecendo em seguida.

A noite passou e atrás dela vieram outras e os dias vinham a seguir naquele corre-corre da vida de todos os dias.

Naquele dia, Josefina, como em todos os outros, não precisou do despertador, tateou os corredores de casa, tomou o seu café no pátio, cumpriu o ritual das palavras cruzadas e preparou a marmita do Jorge com a firme certeza, porém, de que aquele não ia ser um dia como os outros.

Assim que Jorge bate a porta, Josefina vai à janela e afasta a cortina para poder vê-lo partir como, aliás, fazia todos os dias. Quando Jorge contorna o carro para chegar ao lugar do condutor e se vira de frente para a casa, Josefina voltou a ver, por instantes, o moço russo da Ermida e sorriu consigo mesma.

Depois de arrumar a cozinha, pôs a mesa do jantar e foi tirar a roupa que estava seca no estendal no pátio das traseiras. Por fim, foi-se vestir e ao arranjar o cabelo, em frente ao espelho, suspirou bem fundo e interrogou-se se estaria a fazer a coisa certa. *Maria Josefina, não há tempo para recuos!*, disse e abanou a cabeça numa tentativa de se acalmar. De seguida, foi ao quarto do Fredinho e, aninhando-se ao lado da cama, puxou duas malas grandes e uma pequena malinha, a tiracolo, que levou até à porta.

E esperou.

Virada para a porta, tal era o medo de fraquejar caso passasse os olhos pelo lar que construiu e agora deixa. Olhou para o relógio, que entretanto tinha tirado da gaveta do camiseiro. 8:15h. Devia estar a chegar. Josefina pega na chave, na consola junto à porta, e cruza com os olhos uma foto antiga da família. Os rostos, mais definidos, ainda não haviam sido pincelados pelo tempo. As crianças. O cabelo ainda loiro do Jorge. Josefina suspirou, não conseguindo evitar a questão que a atormentava de novo e voltou a olhar para o relógio. *E se lhe ligasse a cancelar?* Pegou no passe-partout. Era todo rebuscado, mas bonito, e Josefina deu por si a pensar que o comprou numa venda de garagem perto da casa da Chica quando os miúdos eram pequenos. Na foto, apesar de estar jovem e fresco, era possível ver no rosto de Josefina alguma tristeza, uma sensação de vazio que algumas pessoas guardam no rosto, por vezes, toda uma vida. Josefina via agora um corpo sem alma. Uma máquina que passava pela vida sem parar para pensar. Demasiadas vezes Josefina pensava que a vida passava de forma muito rápida, enquanto nós, enfiados na nossa bolha da pressa, nos entretemos coisas as obrigações, os deveres, os supostos. Josefina pensou que nem com as benesses da juventude e as facilidades de uma vida, que nessa altura era já bem melhor, foi feliz. Nem ali, naquele instante que a foto perpetuou, a vida era perfeita, até porque tal coisa não existe. Nenhuma vida é perfeita, porque a perfeição é uma ilusão que está nos olhos de quem a vê, não de quem a vive. *Deixa-te de histórias, Fina.* E pousou o passe-partout, dando um jeito no napperon por baixo dele.

Os olhos novamente fixados lá fora, até que um Ford vermelho se abeira do passeio e apita três vezes. Dia 30 de Setembro, Josefina sai de casa, levando, de toda uma vida, duas malas e o coração apertado com dúvidas.

Já no interior do Ford vermelho, a caminho do La Guardia, Chica pergunta-lhe se está pronta para abalar, mas Josefina não consegue falar e bastou que os seus olhares se cruzassem por dois segundos para que Chica percebesse que o melhor era não dizer mais nada.

Despediram no cais de embarque com os olhos marejados de lágrimas, sem que uma palavra fosse dita. São assim as grandes amizades. Elas sabiam que o que as unia era mais forte do que meras palavras de circunstância que agora poderiam, eventualmente, ser ditas. Quando lhe comunicou a sua decisão de voltar a Portugal, Josefina convidou Chica para ir com ela, apesar de já saber que ela o recusaria. Chica

nunca voltaria, porque nem lhe passava pela cabeça a ideia de deixar o seu marido e o filho, aquele anjinho que teve de enterrar na terra de ianques. Ali a sua vida mudara para sempre e ali iria terminar. Para o bem e para o mal.

Josefina entrou no avião e só pensava nas palavras escritas que havia deixado para Jorge e os seus meninos. Palavras doces, de paz e esperança por todos eles. Palavras que resultariam num sentimento de compreensão das razões que a levaram a escolher este caminho. Ou assim Josefina o esperava.

Assim que o comandante anunciou que estavam em território português, Josefina começou a trautear aquele fado do Alfredo Marceneiro que o avô lhe cantava: Mocita dos caracóis, Não me deixes minha querida, Não ouves os rouxinóis, A cantarem como heróis, A história da nossa vida/Se abalares da nossa herdade, Os teus encantos destróis, Irás atrás da vaidade, Que a moda lá na cidade, Não tem desses caracóis...

A 1 de outubro, Maria Josefina cumpre o seu destino e volta a pisar Portugal.

É, agora, o seu tempo.

Dá-me a tua mocidade

Que eu dou-te a minha depois

Não queiras ir p'rá cidade

Porque eu morro de saudade

Mocita dos caracóis